

Turismo, da vocação à geração de receita

Luiz Adolfo Pinheiro

Brasília é uma atração turística, nacional e internacional, desde a sua construção. É uma cidade que atraiu as tentações gerais a partir da sua concepção urbanística vencida por Lúcio Costa, da arquitetura das principais obras confiadas a Oscar Niemeyer, além da circunstância de se tratar da mudança da capital de um grande país, do Rio de Janeiro para o interior desabitado e quase sem progresso até então.

Não é exagero, portanto, dizer que Brasília nasceu com uma vocação turística. Por mais que o Distrito Federal se desenvolva — e tem se desenvolvido muito, em todos os terrenos da atividade humana — nunca será um parque industrial como São Paulo, não possui as delícias do litoral marítimo, não tem por perto a natureza exuberante do Pantanal ou da mata amazônica, nem o passado histórico do barroco de Minas.

Fica bem claro que é a própria cidade de Brasília que atrai visitantes do Brasil e do mundo por sua “cara” nova, distinta de todas as demais cidades do planeta. Estamos falando do turismo voluntário, o que é decidido espontaneamente pelos visitantes. É claro que, na condição de capital da República, a cidade recebe milhares de pessoas que, entretanto, não se deslocam temporariamente por turismo mas

por necessidade profissional. Elas também ocupam hotéis, consomem produtos e serviços e integram a corrente turística, mas o que importa é acentuar a vocação de Brasília para atrair outros milhares de visitantes — aqueles que programam a cidade como opção de lazer.

A Secretaria de Turismo do GDF dispõe de dados atualizados sobre o fluxo turístico que atesta essa vocação. A nosso ver, entretanto, Brasília ainda está tímida nesse terreno. O universo a ser explorado é muito mais amplo do que se imagina.

De acordo com levantamentos da ONU, nos próximos dez anos serão gerados nada menos que 150 milhões de novos empregos em todo o mundo por causa do turismo. Vai ser a atividade econômica responsável pela liderança na criação de empregos. Já em 1994, o turismo empregará um em cada grupo de nove trabalhadores em todos os países, globalmente. E o volume de dinheiro envolvido no turismo alcançará a soma das centenas de bilhões de dólares.

É imprescindível que o turismo seja enfocado pelos setores públicos e empresariais de Brasília como uma opção prioritária de desenvolvimento, de geração de empregos, de renda e de impostos. É

preciso deixar de ver o turismo como sobremesa e passar a considerá-lo prato principal numa cidade excepcionalmente bem vocacionada para a atividade turística, como é o caso de Brasília.

Não estamos dizendo nenhuma novidade. Mas é preciso repetir sempre essa verdade, a fim de que todos os setores responsáveis pelo desenvolvimento econômico e social do DF — e incluamos os meios de comunicação — passem a ver o turismo brasiliense com mais interesse e mais carinho, pois ele tem tudo para deslanchar como principal fonte de receita e de empregos. E com todas as vantagens universalmente reconhecidas em países e cidades que fazem do turismo o seu verdadeiro meio de vida.

Estou seguro que o seminário “Brasília em Questão”, a ser realizado nos próximos dias 24 e 25 no auditório do **CORREIO BRAZILIENSE**, sob os auspícios do Grupo Osório Adriano, vai considerar a atividade do turismo dentro de sua real importância para o futuro de Brasília e dos brasilienses.

Luiz Adolfo Pinheiro é jornalista e diretor de Redação do CORREIO BRAZILIENSE